Ms. 1890

MOSCA project

Mo. 1890

Ivan bunin

as alpargatas vermelhas

"Nevava muito fortemente há já cinco dias. Na branca e fria calma da herdade reinava uma semi obscuridade e uma grande pêna: estava muito doente o menino.

Tinha muita febre, delirava e, soluçando, suplicava que lhe dessem umas alpargatas vermelhas.

A mãi, que se não separava da sua carinha, também chorava amargamente, de temor pelo menino e pela

seu próprio estado desesperante.

— Que fazer? — Como aliviá-lo?

O esposo, estava muito longe, de viagem; os cavalos da herdade eram mais; o hospital e o médico, a trinta léguas de distância. E ninguem se arriscaria a ir buscar um médico tão longe e num dia como êste.

Ouviu-se uma pancada na porta. Era Nefred, o criado, que trazia a lenha para o fogão; deixou-a cair no chão, respirando com dificuldade, exalando a fragância do frio e da neve.

Entreabriu a porta do dormitório e disse em voz baixa:

— Como está o menino, senhora? Está melhor?

— Ai Deus, não Nefred! Parece que não resiste mais; receio que não passe desta noite.

A sua voz cortou-se pelos soluços; depois acrescentou:

— Dói a alma ouvi-lo; queixa-se

sempre e quando volta a si pede umas alpargatas vermelhas.

— ¿Alpargatas vermelhas? ¿Que alpargatas são?

— Deus o sabe... Tem muita febre ... delira...

Nexpad apertando nas mãos o gôrro ficou pensativo. O seu gôrro, a barba, a velha "schuba" (sobretudo forrado com pele) e as botas de feltro, já gastas, estavam cobertas de neve.

De repente, tranquilo e friamente, disse:

— Então, é preciso conseguí-las; já que a sua alma o exige é preciso conseguí-las

— ¿Mas como? ¿A onde as ir buscar?

— É preciso ir até ao povo, até Nevelskii; ali pode-se comprá-las a qualquer camponês; e não será depois um grande trabalho pintá-las com argilina.

— ¿Que estás dizendo, Deus meu! Daqui ao povo são mais de 6 léguas. ¿Como chegar lá com esta tormenta de

neve?

Nefred pensou um momento:

— Não importa; vou... de carro não é possivel, mas a pé pode-se chegar lá... A tempestade arranha-me pelas costas... Pode-se chegar... Bom-dia não!...

E depois de fechar cuidadosamente a porta saiu. Entrou na cozinha e sem dizer uma palavra a ninguem pôs uma capa sôbre o sobretudo, apertou mais fortemente o cinto, pegou no nebengue (um cajado especial para o gêlo) e saiu.

Atravessou o pátio afogando-se quási num mar de neve. Chegou até à porta e desapareceu no branco oceano da estepe.

O tempo avançava muito devagar; o dia parecia interminavel. Chegou a hora do almôço e depois o largo crepúsculo hibernal.

Nefred não voltava. Pensaram que se deixou ficar a dormir no

povoado; geralmente, com um tempo assim, não era possível aventurar-se a sair para chegar antes da queda da noite. Era necessário esperar pelo dia seguinte, e só para depois do almoço.

E devido à sua ausência a noite parecia ainda mais horrorosa.

O vento sibilava nas chaminés atemorizando pensar em como estaria agora a estepe (planície russa) o abismo de neve, de frio e de obscuridade.

A vela de cebo ardia com sua luz trémula e sombria. E mãi pô-la no chão, atraz da cabeceira da cama. O doente estava na sombra, parecendo-lhe que a iluminada parede ardia pelos reflexos e sombras que formavam imágens feiticeiras e terríveis.

De tempos a tempos o pequeno voltava a si, começava a queixar-se, a chorar, e soluçando suplicava quási conscientemente que lhe

dessem as alpargatas vermelhas, que tanto desejava.

— Mãisinha, mãisinha querida, danças... danças... que te custa...

E a mãi caía de joelhos e murmurava:

— ¡Deus meu, ajuda-me, defende-nos!

Levando, por fim, chegou a manhã, e aclarou, ouviu-se através da janela, através do sibilar da tormenta, claramente, não como durante toda a noite, que alguem se aproximava da casa; ouviram-se vozes. e depois um sinistro golpe na janela.

Eram os camponeses que traziam um corpo morto, branco, gelado, todo coberto de neve, estirado, inerte, o corpo de Nefred.

Os camponeses voltavam da cidade, errando toda a noite pela estepe. De madrugada encontraram-se num luzar desconhecido; quási

se afogaram na neve, com o cavalo, julgando-se completamente perdidos, longe de toda a vivenda humana, quando de repente viram umas botas sobressaindo da neve. Começaram, em seguida, a cavar a neve, levantaram o corpo e reconheceram o morto

— Só êle nos salvou — disseram os camponeses; — compreendemos depois que estavamos no caminho, distante uns passos de nós estava o povo...

No peito de Nefred encontraram um par de alpargatas e um frasco de amilina vermelha.»

(Traduzido da revista argentina "Crítica" 27/1/934)

Moral desta historiazinha: A grande abnegação de Nefred que lhe custou a vida. E já sem ela, já cadáver, ainda teve um grande mérito — serviu de guia aos camponios perdidos na neve.

Mo. 1890

Para a Maria

Angra, Junho de 1934 Zé